

O governo ao alcance de todos

Relatório sobre o que pensa o timorense sobre o poder local

Instituto Democrático Nacional para Assuntos Internacionais

TIMOR LESTE

ÍNDICE

| | |
|---|------------|
| ÍNDICE | I |
| ABREVIATURAS | III |
| INTRODUÇÃO | 1 |
| RESUMO EXECUTIVO | 2 |
| O DEBATE SOBRE GOVERNO LOCAL EM TIMOR LESTE | 3 |
| OPINIÕES ATUAIS | 6 |
| O TIMORENSE VÊ A INDEPENDÊNCIA COMO SINÔNIMO DE LIBERDADE | 6 |
| POR TRÁS DA DESTRUIÇÃO DE 1999, A VIDA CONTINUA DIFÍCIL | 7 |
| A ONU TROUXE A PAZ, MAS NÃO TROUXE TUDO | 7 |
| PREOCUPAÇÃO COM A ECONOMIA | 8 |
| PREOCUPAÇÃO COM O ACESSO À EDUCAÇÃO | 9 |
| CADA VEZ SE CRITICA MAIS O GOVERNO | 9 |
| PREOCUPAÇÃO COM A SITUAÇÃO DA SEGURANÇA | 10 |
| UMA RETROSPECTIVA FAVORÁVEL DA ÉPOCA INDONÉSIA | 11 |
| PARTICIPAÇÃO NA DEMOCRACIA | 12 |
| GOVERNO DAS ALDEIAS | 14 |
| CHEFE DE ALDEIA | 14 |
| CHEFE DE SUCO | 16 |
| A ESCOLHA DA POPULAÇÃO | 17 |
| RELAÇÕES COM OS OUTROS NÍVEIS DE GOVERNO | 19 |
| GOVERNO DO SUB-DISTRITO | 19 |
| GOVERNO DE DISTRITO | 21 |
| RELAÇÕES ENTRE O GOVERNO LOCAL E O NACIONAL | 22 |
| REPRESENTANTES ELEITOS | 23 |
| INFORMAÇÕES | 24 |
| APÊNDICES | 26 |
| APÊNDICE A – NOTAS SOBRE A METODOLOGIA | 26 |
| <i>Grupos focais</i> | 26 |

| | |
|--|----|
| <i>A pesquisa realizada com os grupos focais do NDI em Timor Leste</i> | 26 |
| <i>Este relatório</i> | 26 |
| <i>Objetivo da pesquisa</i> | 27 |
| <i>Transcrições</i> | 27 |
| <i>Facilitadores</i> | 27 |
| <i>Agradecimentos</i> | 27 |
| APÊNDICE B – O NDI E O FORO CÍVICO..... | 28 |
| APÊNDICE C – GUIA DO FACILITADOR | 29 |
| APÊNDICE D – PERFIL DO PARTICIPANTE | 37 |
| APÊNDICE E – MAPA DE TIMOR LESTE | 38 |

ABREVIATURAS

| | |
|--------------|--|
| Bupati | Administrador de distrito (Indonésio) |
| Camat | Chefe de Sub-distrito [Indonésio] |
| CDP-RDTL | Comitê da Defesa Popular da República Democrática de Timor Leste |
| CEP | Projecto de Capacitação da Comunidade e Governação Local |
| FALINTIL | Forças Armadas de Libertação Nacional de Timor Leste |
| FFDTL | FALINTIL- Força da Defesa de Timor Lorosa'e |
| KKN | Corrupção, Colusão e Nepotismo [Indonésio] |
| Kolimau 2002 | Grupo político religioso carismático na parte ocidental de Timor Leste |
| PKF | Força da Manutenção de Paz das Nações Unidas |
| PNTL | Polícia Nacional de Timor Leste |
| RDTL | República Democrática de Timor Leste |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| UNAMET | Missão das Nações Unidas em Timor Leste |
| UNMISET | Missão de Apoio da Organização das Nações Unidas em Timor Leste |
| UNPOL | Polícia da Organização das Nações Unidas |
| UNTAET | Administração Transitória das Nações Unidas em Timor-Leste |

PREFÁCIO

Esta pesquisa começou em Novembro de 2002, como parte dos esforços realizados pelo NDI para entender melhor a atitude e as aspirações do cidadão comum timorense, especialmente no que diz respeito ao poder local.

Como em 2003 começam as deliberações sobre o futuro formato dos governos locais ou sub-nacionais de Timor Leste, a voz do timorense comum pode trazer grandes contribuições. Qualquer que seja o resultado, o escalão mais baixo de poder é o que exerce o impacto mais profundo na vida do cidadão comum. Apesar da sua transcendência, foi o nível de governo mais negligenciado durante o período da transição.

No entanto, na medida em que se presta mais atenção ao poder local, deve-se ouvir a voz do cidadão comum nesta democracia. As pessoas cujas vidas dependem da qualidade do governo local, e não apenas da qualidade da liderança, querem ter a oportunidade de desempenhar um papel ativo nas consultas sobre o futuro dos governos de suas comunidades.

Esperamos que este relatório e a pesquisa na qual está fundamentado seja uma contribuição útil para o debate sobre a agenda política e que exorte os líderes timorenses a empreender um processo de consultas muito mais amplo nos próximos meses. O relatório não tem o intuito de ser definitivo, ao contrário, espera-se que seja catalisador de mais discussões e intensifique o debate.

O NDI em Timor Leste sempre publicou os resultados das suas pesquisas e todos os grupos interessados têm livre acesso a elas. O documento é publicado em quatro idiomas para que os resultados possam ser compartilhados amplamente com os timorenses e com a comunidade internacional em Timor Leste. As pessoas que participaram da pesquisa, participaram sabendo que seus pareceres iriam ser transmitidos aos líderes timorenses de todos os níveis. A descrição completa da metodologia utilizada neste relatório encontra-se na secção dos Apêndices.

Como em relatórios anteriores, tentamos captar o sentimento nacional do momento. Deliberadamente, também nos concentramos nas relações entre o cidadão comum timorense e as autoridades públicas, tanto eleitas como indicadas, já que esta área é de especial relevância para os programas do NDI em Timor Leste. Acreditamos que a interação intensa e regular entre o cidadão comum e seus representantes é a base na qual se constrói uma democracia saudável. Esperamos que este relatório e seus resultados sejam do interesse da comunidade política em geral e dos líderes de Timor Leste, das organizações não governamentais e da mídia, assim como dos próprios timorenses.

Jim Della-Giacoma
Diretor Residente
NDI Timor Leste
Janeiro de 2003

INTRODUÇÃO

Desde o último relatório sobre grupos focais publicado pelo NDI, baseado na pesquisa realizada em dezembro de 2001, as mudanças políticas em Timor Leste continuam em um ritmo cada vez mais acelerado.

A Assembléia Constituinte de Timor Leste completou a constituição em março de 2002; menos de um mês depois, a população elegeu por voto direto o primeiro presidente do país.

Timor Leste atingiu a maturidade como país independente quando, em 20 de maio, as Nações Unidas transferiram o controle administrativo para o representante eleito pelos timorenses. Logo depois, Timor Leste, como o país é conhecido oficialmente, tornou-se o 191º membro das Nações Unidas, assim como membro de outras organizações internacionais tais como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional.

No entanto, com um governo que depende do apoio significativo de doações, a trajetória à completa independência ainda continua. A energia que uma vez fora dedicada à luta pela liberdade, hoje em dia está sendo redirecionada para o combate contra a pobreza na nação mais pobre da Ásia. As instituições democráticas nas quais se baseia o auto-governo são ainda jovens e o trabalho de desenvolver a estrutura formal das leis, assim como a cultura política que guiará a implementação das mesmas, é um trabalho ainda em andamento.

A transição democrática no Timor Leste não deixa de ter desafios. O país também lida com um passado violento e muitas tensões que ainda não foram resolvidas na sociedade timorense. A luta pela independência foi amarga e difícil. Às vezes criava rupturas na própria sociedade, pois diferentes caminhos, tanto políticos como militares, pareciam ser os métodos mais eficazes para se alcançar o almejado prêmio da autodeterminação. A independência parece ter aberto algumas destas feridas ao invés de sará-las. O período desde o 20 de maio foi testemunha de uma crescente onda de distúrbios civis em todo o país, assim como de conflitos freqüentes entre o cidadão comum e a polícia. Também há grande desencanto entre os ex-combatentes da luta pela liberação, porque muitos poucos receberam algum dividendo material significativo pela independência. Já houve enfrentamentos entre a polícia timorense e os militares. O padrão cada vez mais freqüente de violência alcançou dramaticamente o auge no dia 4 de dezembro de 2002 quando o parlamento foi atacado durante uma manifestação, as lojas foram saqueadas e a residência do Primeiro-Ministro foi incendiada e destruída. A violência continuou neste Ano Novo com a mobilização dos militares recém formados, para lidar com os distúrbios no distrito de Atsabe.

A população e o governo de Timor Leste começaram 2003 com grandes esperanças de independência, mas mais do que nunca atentos aos inumeráveis desafios que ainda enfrentam, como nação mais jovem do planeta.

RESUMO EXECUTIVO

Na medida em que os governantes timorenses começam a debater sobre o futuro formato do poder local, este relatório tira as seguintes conclusões gerais da pesquisa realizada com os grupos focais:

- Os timorenses apóiam quase unanimemente as autoridades governamentais eleitas diretamente pelo suco.
- Percebem que os titulares dos cargos políticos nos sucos têm um forte papel representativo e que é através deles que interagirão com o governo primeiramente.
- Os governantes dos sucos e aldeias parecem carregar uma série de expectativas do cidadão comum de Timor Leste, e dificilmente todas elas virão a se concretizar.
- Existe a crença de que os governantes dos sucos devem desempenhar papéis fortes e que deve haver apoio mútuo entre governantes locais e os de nível hierárquico superior.
- Os timorenses gostariam que os governantes locais tivessem a autoridade e os recursos para promover o desenvolvimento ao mesmo tempo que solucionam diretamente todo um leque de problemas locais.
- Embora eles mesmos não o digam diretamente, a conclusão que se pode tirar é que os timorenses apóiam um nível de descentralização significativo.
- Os governantes locais eleitos gozam do apoio da população ao mesmo tempo que existe um processo para que os governantes eleitos nos sucos exerçam o veto contra governantes indicados para os cargos de distrito e sub-distrito.
- O cidadão comum de Timor Leste deseja uma relação mais forte e mais direta com os governantes eleitos para os cargos nacionais.
- Quase todas as comunidades têm acesso limitado à informação sobre as atividades governamentais.
- A insatisfação com os serviços governamentais está aumentando.
- Há uma grande preocupação com a falta de emprego, o alto custo da educação, a falta de serviços ou da qualidade dos serviços governamentais nas áreas rurais e acredita-se que a corrupção, a colusão e o nepotismo (KKN) sejam incontroláveis.

O DEBATE SOBRE PODER LOCAL EM TIMOR LESTE

Ao término de 2002, os governos locais de Timor Leste consistiam em 13 distritos. Trata-se de uma estrutura criada durante a época indonésia e portuguesa, herdada e mantida como esqueleto dos governos locais durante a transição da UNTAET. A espinha dorsal do governo da UNTAET foi um pouco além dos 13 administradores de distritos que a UNTAET indicara. No início, estas pessoas eram funcionários internacionais, mas já no fim de 2000, a UNTAET começou um processo de “timorização” e fez com que timorenses estivessem ocupando os 13 cargos de administrador de distrito quando da independência, em maio de 2002.

Os 13 distritos dividem-se desigualmente em 65 sub-distritos, às vezes conhecidos como “postos” ou “*kecamatan*” em indonésio. Embora durante a época dos indonésios esta unidade de poder era controlada atentamente pela “*camat*”, a UNTAET indicou coordenadores com poucos recursos para ocuparem estes cargos para os quais ainda não havia um perfil funcional definido ou implementado de forma consistente. Mais uma vez, estrangeiros preencheram as posições inicialmente, sendo sucedidos pelos timorenses.

No nível hierárquico seguinte, há 442 sucos e aldeias onde o chefe é o Chefe de Suco ou Chefe de Aldeia. Esta estrutura é a que Portugal usava tradicionalmente e era reforçada pelo Conselho Nacional da Resistência Timorense (CNRT) durante a luta pela liberação e o período pós-independência imediato. Subordinado a cada Chefe de Suco, há uma série de Chefes de Aldeia ou pequenos povoados. Quase todos os timorenses, talvez com exceção dos poucos que imigraram dentro do território timorense recentemente, podem escolher seu Chefe de Suco e de Aldeia. Os timorenses falam de uma relação paternalista com seus chefes de suco e aldeia. É uma relação pessoal, íntima, muito diferente daquela distância que tiveram com os coordenadores de sub-distrito ou os administradores de distrito durante a transição, embora estas tenham sido relações de influência durante a ocupação indonésia ou portuguesa.

Como comentou um Grupo de Trabalho interministerial técnico sobre o poder local:

“Durante o período da UNTAET, concentrou-se no fortalecimento das instituições do poder nacional necessárias para o estabelecimento de um Estado novo. Assim, as unidades de poder local acabaram não recebendo a atenção devida, seja a nível de distrito ou de sub-distrito.”

De fato, o único poder local ativo durante a transição ocorreu após a criação dos conselhos de desenvolvimento de aldeias e sucos patrocinados pelo Projecto de Capacitação da Comunidade e Governança Local (CEP) do Banco Mundial e que relutantemente recebera sanção jurídica (UNTAET –

regulamento 2000/12) e quase mais nada da Administração das Nações Unidas.

O debate sobre o futuro modelo do poder locais em Timor Leste surge da Constituição que entrou em vigência em 20 de maio de 2002. Mais especificamente, do Artigo 5 sobre descentralização:

- 1. O Estado respeita, na sua organização territorial, o princípio da descentralização da administração pública.*
- 2. A lei define e fixa as características dos diferentes escalões territoriais, bem como as competências administrativas dos respectivos órgãos.*
- 3. Oe-Cusse Ambeno e Ataúro gozam de tratamento administrativo e económico especial.*

E no Artigo 72 sobre o poder local:

- 1. O poder local é constituído por pessoas colectivas de território dotadas de órgãos representativos, com o objectivo de organizar a participação do cidadão na solução dos problemas próprios da sua comunidade e promover o desenvolvimento local, sem prejuízo da participação do Estado.*
- 2. A organização, a competência, o funcionamento e a composição dos órgãos de poder local são definidos por lei.*

O Presidente Xanana Gusmão também mostrou preocupação com a problemática “poder local”, identificando sua ausência como a causa de um vácuo nas áreas rurais, vácuo este que deve ser preenchido por representação local. No discurso de comemoração dos 100 dias de independência no dia 30 de agosto de 2002, disse:

“Não há mecanismos de comunicação com as bases e portanto elas são facilmente manipuladas por terceiros... alguns administradores de distrito e alguns coordenadores de sub-distrito também demonstram falta de direcção e não sabem o que devem ou não devem fazer.”

Recentemente, falou sobre o tema poder local no seu discurso de ano novo ao corpo diplomático, em 13 de janeiro de 2003, associando-o com a necessidade de melhorar a comunicação do governo com a comunidade. O Presidente Gusmão ressaltou a clara necessidade de melhorar o fluxo de informação na direcção das comunidades locais para que elas recebam informações básicas sobre o que está acontecendo a nível nacional e nas diferentes regiões do país:

"Insisto na necessidade de eleições para governo local. Obviamente, assim que um tema destes é levantado, começa imediatamente o argumento sobre falta de financiamento. Não acredito que precisemos de milhões de dólares. Se à população não é dado o direito de eleger seus próprios governantes, não haverá ordem, não haverá estabilidade e não haverá soberania do povo. A população está confusa e os governantes atuais estão confusos também."

É necessário distanciarmo-nos deste cenário, pois é perigoso para a democracia e também para a estabilidade.

Além da preocupação política manifestada e dos Artigos da Constituição, o Plano Nacional de Desenvolvimento de Timor Leste de maio de 2002 sobre o tema *Descentralização e Participação* obriga ao governo a:

- Estudar e propor uma configuração ideal para o poder local voltada para o desenvolvimento e para a prestação justa de serviços aos interessados.
- Estudar e delinear os níveis de hierarquia administrativa até o nível da comunidade, buscando facilitar a prestação de serviços de eficientemente e melhorar a iniciativa e participação da comunidade.
- Estudar opções que permitam uma descentralização eficaz e defina claramente o papel das organizações e instituições nacionais, regionais, locais, comunitárias e da sociedade civil. Dá poder às comunidades e fortalece a transparência e a democracia das bases.

Para definir parâmetros do poder local, a Constituição e o Plano Nacional de Desenvolvimento requerem de mais legislação. O Governo de Timor Leste compromete-se a concluir um estudo até 30 de junho de 2003. Este estudo irá:

- Propor a introdução de uma configuração de poder local que contemple as autoridades locais, maximizando assim o potencial de desenvolvimento e a eficácia de serviços .
- Delinear claramente os níveis de hierarquia administrativa até o nível da comunidade, que sejam coerentes com uma prestação de serviços eficiente e que realcem a participação, iniciativa e compromisso da comunidade.
- Esquematizar uma série de opções para esta descentralização eficaz.
- Delinear claramente o papel dos diferentes níveis de governo propostos.
- Apresentar um número de alternativas para fortalecer mais a democracia das bases.

Algumas instituições como o Banco Mundial na sua publicação de 2002 *"Timor Leste: Desafios Políticos para uma Nova Nação"* expressou opiniões fortes sobre o futuro dos governos locais em Timor Leste:

“Num país pequeno como Timor Leste parece haver pouca justificativa para mais do que dois níveis de governo, uma administração central e um governo local forte, talvez composta por conselhos comunitários ao nível de suco.”

Se bem cada instituição internacional, perito, acadêmico, consultor e político tem opinião própria sobre este assunto, a posição do cidadão comum de Timor Leste não está bem representada no debate sobre o poder local, e com este trabalho de pesquisa esperamos iniciar um processo que remedeie este desequilíbrio ao oferecer um espaço para as opiniões daqueles que mais estão interessados num bom governo.

OPINIÕES ATUAIS

O timorense vê a independência como sinônimo de liberdade

Em novembro de 2002, os timorenses de todo o país disseram que para eles a independência significava, sobre tudo, que tinham deixado para trás o temor e as restrições que sofreram durante os 24 anos da muitas vezes brutal ocupação indonésia.

Me senti muito feliz e orgulhosa depois da independência de Timor Leste. Nossa luta de 24 anos foi comprada com o sangue e as lágrimas da pessoa mais velha à criança mais nova. [Mulher, 21 anos, Cova Lima]

Depois de Timor Leste tornar-se totalmente independente, me senti contente e feliz porque nossos sonhos se tornaram realidade. Tínhamos lutado durante 24 anos para combater a violência cometida pelo estado indonésio contra nosso povo e vencemos. [Homem, 23 anos, Manatuto]

A situação é melhor já que as nossas vidas estão calmas e o cidadão comum não se expõe à violência e às matanças. [Homem, 65 anos, Ermera]

Durante os 24 anos de ocupação indonésia sofremos muito e não éramos livres, mas depois da independência ficamos livres, o que significa que podemos ir aonde quisermos sem sentir medo ou ficarmos intimidados. [Homem, 22 anos, Baucau]

Por trás da destruição de 1999, a vida continua difícil

No entanto, a independência não foi alcançada sem antes pagar-se um preço muito alto, incluindo perdas de vidas humanas, deslocamento demográfico e destruição física generalizada da infra-estrutura do país pelas forças indonésias quando se retiraram do país, após o referendo de 1999. Seis meses depois da independência, alcançada com a transferência do controle administrativo para o representante timorense eleito em 20 de maio de 2002, os participantes desta pesquisa dizem que a vida do timorense médio não mudou muito desde a "independência total". De fato, alguns dizem, inclusive, que as coisas estão piorando.

Não mudou muita coisa nas nossas vidas, mas estou feliz que os que estão governando esta nova nação sejam pessoas nascidas aqui. [Mulher, 27 anos, Cova Lima]

Depois da independência de Timor Leste no dia 20 de maio, nós, moradores de aldeias que muito sofremos, achávamos que nossas vidas iam melhorar, e a verdade é que é tudo o contrário. [Mulher, 30 anos, Liquica]

Sabemos que temos uma democracia e ficamos felizes de sermos livres, mas as escolas são caras e não podemos pagar os preços dos produtos no mercado, portanto, nossa experiência com a independência é de uma vida difícil. [Mulher, 38 anos, Viqueque]

É bom que Timor Leste seja totalmente independente; no entanto, queremos que os nossos líderes se sentem conosco para nos ajudar primeiro com alimentos, dinheiro, eletricidade, água limpa, consertando as estradas, etc. [Mulher, 32 anos, Bobonaro]

A ONU trouxe a paz, mas não trouxe tudo

O papel da ONU de trazer a paz a Timor Leste e orientar o país em direção à independência é respeitado, no entanto, sua atuação como administradora e como governo tem mostrado resultados descontraídos.

Devido à ajuda da ONU, o povo de Timor Leste respirou ar fresco em setembro de 1999. [Mulher, 21 anos, Cova Lima]

O trabalho da ONU foi bom porque nos ajudou até podermos nos erguer sozinhos como nação; além disso, como parte da sua missão, nos ajudou prestando a assistência que a população precisava, dando alimentos, roupas e outros artigos essenciais. [Homem, 45 anos, Liquica]

O trabalho que a ONU fez aqui foi muito bom, mas era difícil trabalhar com eles pois era preciso falar inglês e saber de computação. [Homem, 23 anos, Baucau]

Apesar do trabalho da ONU durante a transição, a vida do cidadão comum continua sendo difícil. No que diz respeito à administração, educação, agricultura e o resto, ainda houve deficiências durante a transição. A ONU deu a oportunidade para que as pessoas se sentissem livres, mas não foi aberta e transparente conosco. [Homem, 23 anos, Manatuto]

Embora as atividades militares da ONU tenham sido boas, seu trabalho público não o foi, especialmente neste distrito, já que a distribuição de empregos era cheia de KKN, seja com a contratação de diaristas, funcionários públicos da APTL ou do SPTL. [Homem, 27 anos, Cova Lima]

A ONU teve êxito em formar as FFDTL e o SPTL, mas não processaram os criminosos de guerra [indonésios] após o referendo em Timor Leste, como o General Wiranto, Kiki Syahnakri, Tono Suratman, Timbil Silaen e outros. [Homem, 43 anos, Dili]

Preocupação com a economia

O cidadão comum de Timor Leste está preocupado com o sustento da família. Falta emprego, especialmente para aqueles sem uma boa escolaridade ou que são analfabetos. Para os que trabalham a terra, a longa temporada de secas foi de grande preocupação e a ameaça da fome se avizinha. Os produtos no mercado estão caros e o retorno da colheita é baixo. A intervenção por parte do governo é vista como necessária para a criação de empregos.

Nada mudou para mim, já que desde a independência os líderes ainda não criaram oportunidades de emprego para os timorenses. [Homem, 24 anos, Cova Lima]

Queremos empregos para os irmãos da frente clandestina, já que todos lutamos juntos. Mas agora não achamos emprego. Nós sabemos que não somos estudados o suficiente para trabalhar em escritórios, mas deviam existir projetos nos nossos distritos para não ficarmos desempregados nem estressados. [Homem, 52 anos, Manafahij]

Durante a luta pela liberação não foram apenas os inteligentes que lutaram durante 24 anos. Qual o destino dos analfabetos? O que o governo vai fazer por eles? Esperamos que se criem empregos e que

se abrem mercados para as nossas mercadorias. [Homem, 29 anos, Bobonaro]

Desde a independência, se a gente é jovem e estiver a procura de emprego, é muito difícil, porque tem que saber inglês, português, computação, além de ser formado. Parece que não há oportunidades para os jovens. [Homem, 20 anos, Aileu]

Preocupação com o acesso à educação

Para os jovens tanto como para os pais, a educação é vista como a chave para uma vida melhor. Tal qual o emprego, trata-se de um tema que preocupa todo o país. O gasto cada vez maior com a educação é percebido como deixando-a fora do alcance daqueles que a querem alcançar. Mais uma vez, a população clama pela ação governamental:

O futuro das nossas crianças será melhor se o governo de Timor Leste tomar conta delas e prestar atenção às instituições de Timor Leste. [Mulher, 16 anos, Oecusse]

O futuro dos nossos filhos será melhor, mas agora é caro mandá-los para a escola e fica difícil pra nós ensiná-los. [Homem, 59 anos, Lautem]

Solicitamos aos nossos líderes que prestem atenção nas nossas crianças que querem uma educação mas que não podem pagar a escola; que ajudem estas crianças para que seu futuro não venha a ser destruído. [Mulher, 17 anos, Baucau]

Me preocupo com o futuro das minhas crianças, pois em Ainaro as escolas ficam muito longe e não há hospital também. Com esses tipos de problemas, sinto que há obstáculos no caminho da felicidade das próximas gerações. [Homem, 31 anos, Ainaro]

Cada vez se critica mais o governo

Dadas as dificuldades que o país enfrenta, aparentemente, aumenta a cada dia a impaciência e as críticas contra o governo pelo que se percebe como incapacidade de oferecer os serviços exigidos pelo cidadão comum. A percepção geral é que o governo está cada vez mais corrupto (KKN), insensível e distante das necessidades da população timorense comum:

Desde a independência nada mudou e ainda não houve desenvolvimento. Esperamos que o governo preste atenção ao distrito e construa escolas, hospitais e estradas principais para que o

desenvolvimento beneficie a nós e às gerações futuras. [Homem, 28 anos, Ainaro]

Se eles comem arroz, nós todos devíamos comer arroz. Se eles comem batata, todos devíamos comer batata. Até agora eles têm dólares e comida boa enquanto ignoram o cidadão comum. Aqueles que se sentam lá em cima, fomos nós quem os elegeram, mas não para eles satisfazerem seus interesses próprios. [Mulher, 32 anos, Aileu]

Se ainda temos corrupção, nepotismo e colusão (KKN) neste país, tenho certeza que vão surgir muitos problemas e nossos filhos não vão ter uma vida calma. Queremos que os líderes do governo sejam inimigos do KKN em Timor Leste para o bem-estar dos nossos filhos. [Mulher, 20 anos, Baucau]

Não estou muito satisfeito com o governo que temos agora e, além disso, nunca vieram até onde mora o cidadão comum para nos dizer o que o governo está fazendo. [Homem, 27 anos, Ainaro]

Eu penso que depois do Timor Leste tornar-se totalmente independente, pelo bem ou pelo mal, tudo é igual porque depois da bandeira ser erguida no dia 20 de maio de 2003, não veio nenhum líder ao nosso distrito para saber do nosso sofrimento. [Mulher, 31 anos, Liquica]

A independência é boa, mas estando aqui esperamos que aqueles sentados lá em cima tomem conhecimento da gente para que também possamos compartilhar da independência. Não nos deixem viver na miséria enquanto eles viajam pra lá e pra cá, para o estrangeiro, gastando dinheiro. [Homem, 32 anos, Aileu]

Preocupação com a situação da segurança

Esta pesquisa estava quase concluída quando aconteceram uma série de incidentes ligados à segurança, os quais receberam grande cobertura. A polícia disparou e matou um manifestante durante um ataque contra a delegacia de polícia em Baucau em fins de novembro, seguido de manifestações na capital em Dili, em princípios de dezembro (onde houve duas mortes e 24 feridos). Houve duas mortes na luta no distrito de Atsabe e culpa-se a “milícia”. Estes incidentes de 2002 constituíram o ápice de um padrão crescente de violência em Timor Leste desde a independência. Na época em que o trabalho de campo desta pesquisa estava sendo realizado, o crime estava em curva ascendente, os distúrbios sociais e os enfrentamentos entre a polícia e o exército, assim como entre a polícia e a comunidade.

Não me sinto segura devido às coisas que todos sabemos, tais como assaltos a veículos e roubos. Isto faz com que o cidadão comum se sinta atemorizado. [Mulher, 28 anos, Ainaro]

Agora que não há mais informantes nem a inteligência nos espiando eu me sinto seguro. [Homem, 20 anos, Aileu]

Eu me sinto segura na cidade, mas as pessoas que moram nos sucos e na fronteira se sentem expostas. Espero que uma unidade das FFDTL venha logo para proteger a comunidade que mora na fronteira e preencha as brechas das forças de manutenção de paz da ONU. [Mulher, 16 anos, Oecusse]

A situação está melhor agora, mas surgiram uns pequenos problemas porque há pessoas que não se entendem e há muito desemprego, portanto há ladrões, lutas, etc. Esperamos que os líderes criem empregos para diminuir o desemprego e os roubos. [Homem, 22 anos, Baucau]

A situação agora não é boa, porque embora sejamos independentes, não há paz entre os timorenses. Ainda há distúrbios, brigas e pancadas, e na minha opinião, este país ainda não é seguro. [Mulher, 24 anos, Manatuto]

Não acredito que a situação seja segura, nem na cidade nem nas aldeias. Acabei de ouvir que a PNTL e as FFDTL estavam se enfrentando em Dili. Isso mostra que não podem superar os problemas e precisam de muito mais treinamento para ser verdadeiramente profissionais e melhorar a segurança de Timor Leste. [Mulher, 15 anos, Oecusse]

Não posso dizer se é bom ou não já que as vezes se vive na calma e as vezes há brigas e distúrbios que nos deixam com temor, como os enfrentamentos entre a polícia e as FFDTL. [Homem, 23 anos, Manatuto]

Uma retrospectiva favorável da época indonésia

A incerteza somada às crescentes dificuldades parecem ter se unido à idéia de que a independência não vai ser a solução dos problemas de Timor Leste. Está-se vendo esta tendência de opinião pela primeira vez, nos debates dos grupos focais durante o período pós-independência, ao fazerem uma retrospectiva e compararem o período indonésio com o presente e, até certo ponto, considerá-lo mais favorável:

Minha impressão foi que a KKN durante a época indonésia não era tão visível, ao contrário do que acontece agora que é conspícuo e transparente. [Mulher, 28 anos, Ainaro]

Acredito que a situação é pior que durante a época indonésia porque a KKN é mais visível, por exemplo, há um escritório onde todos os funcionários pertencem à mesma família. Na época dos indonésios, havia corrupção, mas não era tão óbvia. [Homem, 35 anos, Dili]

Enquanto a Indonésia ainda estava em Timor Leste, recebíamos atenção suficiente, mas desde a independência o cidadão comum está sendo ignorado e nossa comunidade não recebeu nada. [Mulher, 32 anos, Aileu]

A situação é pior ainda se compararmos com a época indonésia já que as mercadorias no mercado são muito caras e ganhar em dólares é bem mais difícil que ganhar em rúpias. [Homem, 45 anos, Dili]

PARTICIPAÇÃO NA DEMOCRACIA

Timor Leste é singular entre todas as nações por ter nascido de um ato de autodeterminação exercido nas urnas eleitorais por meio de um sufrágio universal. Como foram às urnas por três vezes inesquecíveis, em um espaço de três anos, o timorense têm forte sensação de viver em democracia:

Timor Leste é uma democracia; portanto, como cidadãos, temos o direito de participar. [Homem, 31 anos, Lautem]

Participo porque sinto que como cidadão de Timor Leste tenho o direito de participar numa democracia. [Homem, 22 anos, Manatuto]

Como cidadão tenho o direito de verbalizar minha opinião e manifestar minhas idéias ao governo sobre o desenvolvimento da nação e do Estado. [Homem, 27 anos, Ainaro]

Para que as pessoas participem, os cidadãos devem ser provativos, só assim podem conhecer os programas governamentais locais e nacionais, assim como saber como funciona a máquina de desenvolvimento a longo prazo. [Mulher, 30 anos, Cova Lima]

Apesar do referendo, assim como da Assembléia Constituinte e das eleições presidenciais, desde 1999, o vínculo entre a participação e as eleições nem sempre se estabelece claramente. Enquanto se vincula a participação às eleições, a idéia de que os cidadãos participam nas eleições

para influir nas decisões que são tomadas e que repercutem nas suas vidas, não foi manifestada firmemente.

A democracia precisa da participação porque sem participação a democracia não pode funcionar. Podemos eleger diretamente os representantes que estão no governo. [Homem, 20 anos, Baucau]

Como cidadãos de Timor Leste devemos participar porque é através da participação que podemos compreender os problemas que enfrenta esta nação. [Mulher, 20 anos, Baucau]

Como cidadãos de Timor Leste devemos participar. Esta é uma nação democrática, o que significa governo pelo povo. [Homem, 23 anos, Baucau]

Como cidadão posso participar ativamente em muitos níveis, seja local ou nacional. Podemos nos organizar conjuntamente para ver e saber que trabalho se está fazendo neste distrito. Além disso, o governo também pode organizar-se para discutir os vários problemas que enfrenta a comunidade. [Homem, 35 anos, Liquica]

Enquanto alguns vêm as eleições como o ato principal de participação da cidadania, um grupo pequeno vai além das eleições e acha que é necessário expressar pontos de vista e influir nas decisões através de debates e até de protestos contra os governantes eleitos ou servidores públicos:

O povo já participou da democracia através das eleições para a Assembléia Constituinte e para Presidente. [Homem, 35 anos, Dili]

Eleger Chefe de Suco e Chefe de Aldeia é uma forma de participar. [Mulher, 32 anos, Liquica]

Posso participar nas eleições expressando minhas idéias em debates ou fazendo críticas construtivas para melhorar a situação. [Homem, 32 anos, Ainaro]

Podemos nos reunir com os membros do parlamento para transmitir-lhes diretamente os problemas que enfrentamos no distrito. [Mulher, 32 anos, Liquica]

Estaria feliz de participar pedindo aos governantes que venham aos campos para ver como o povo sofre. Se isso acontecer, aí sim todas as pessoas estarão participando da democracia. [Homem, 22 anos, Manatuto]

A participação dos cidadãos na democracia significa que contribuimos com nossas aspirações. Se as coisas não estão bem entre os líderes políticos, as pessoas têm o direito de protestar contra eles. [Homem, 23 anos, Manatuto]

Para mim, participar em uma democracia significa poder canalizar minhas aspirações e ter o direito de dizer o que é bom e o que é ruim. [Mulher, 24 anos, Manatuto]

Não parece haver entendimento claro de que o objetivo da participação é poder influir nas decisões tomadas pelos governantes em uma democracia. No entanto, um dos incentivos principais contra a futura participação parece ser a falta de receptividade, por parte do governo, às aspirações da população. Um governo indiferente, dizem, provoca conseqüências negativas, tais como a apatia ou a oposição.

Um participante sente que o futuro apoio aos grupos políticos marginalizados é uma reação à falta de preocupação do governo para com os problemas do cidadão comum:

Como cidadãos já participamos com a ida às urnas eleitorais numa série de oportunidades. Temos apresentado nossas propostas ao governo, mas o governo nem reparou. Não dão valor às nossas vidas, mas nós sempre esperamos dar uma mão ao governo. O governo deve prestar atenção nas pessoas que ainda estão em situação difícil. [Mulher, 26 anos, Ainaro]

Pararemos de participar se o governo não prestar atenção às aspirações do povo e se o governo se opor à democracia. [Mulher, 24 anos, Manatuto]

Se o povo participa ou não depende do programa do governo, se eles levam em consideração o povo. Caso contrário, o povo vai criar grupos como o CDP-RDTL ou Kolimau 2000.

GOVERNO DAS ALDEIAS

Chefe de Aldeia

Os participantes dos grupos focais vêm os Chefes de Aldeia ou povoado como a expressão mínima de representação e como a autoridade governamental de menor nível hierárquico. Há muitas vezes dimensões contraditórias neste papel, assim todos concordam que é difícil desempenhar esta função de modo geral. No entanto, no vácuo deixado pela era pós-independência no que tange aos governos locais, vácuo este herdado da

administração da UNTAET, os participantes dos grupos focais concordam que o papel é importante e muito abrangente. O Chefe de Aldeia, dizem, é quem oferece os serviços públicos, é quem representa as aspirações da população, é quem distribui a assistência, supervisiona o desenvolvimento, mantém a lei e a ordem, sendo o árbitro local e a pessoa para qual todos correm com seus problemas. Todas estas funções em um cargo que não é nem pago nem juridicamente estabelecido.

O papel dos Chefes de Aldeia é atender e orientar a comunidade. Devem estar próximos ao povo para conhecer sua situação e seus problemas. [Homem, 37 anos, Oecusse]

O Chefe de Aldeia toma conta do kampung para que haja prosperidade. [Mulher, 20 anos, Baucau]

O papel do Chefe de Aldeia é ouvir os problemas e solucioná-los. [Homem, 22 anos, Manututo]

Ao Chefe de Aldeia só cabe seguir as ordens do governo central, para cumprir o seu dever. [Homem, 45 anos, Liquica]

[O Chefe de Aldeia] deve liderar as pessoas em atividades voltadas para a auto-ajuda comunitária, assim como solucionar problemas e assuntos individuais, dentre outros. [Homem, 28 anos, Ainaro]

O Chefe de Aldeia é pessoa de confiança e responsável pelo nosso bairro. Deve saber, por exemplo, quem consegue emprego e quem é mandado ao estrangeiro para estudar. [Homem, 26 anos, Manafahi]

Se houver algum problema no kampung ou na comunidade, como líder, deve solucioná-lo. [Homem, 20 anos, Aileu]

O papel do Chefe de Aldeia é canalizar as aspirações do seu kampung para o Chefe de Suco. [Homem, 23 anos, Baucau]

São representantes do povo, têm a autoridade de governar e regulamentar, assim como tomar conta de todo o relacionamento com o poder central e a administração da aldeia. É o encarregado de todos os problemas que aconteçam na aldeia. [Homem, 35 anos, Cova Lima]

Como líder eleito do kampung, deve desempenhar os deveres conforme os desejos do da população. [Homem, 42 anos, Aileu]

O trabalho do Chefe de Aldeia é controlar as pessoas da sua Aldeia. [Mulher, 24 anos, Manatuto]

A estrutura atual do poder de aldeia baseia-se em estruturas tradicionais, reforçadas pelo CNRT, no vácuo deixado da violenta retirada indonésia e do retorno da população que havia sido deslocada. O Conselho Nacional de Resistência Timorense se debandou em julho de 2001 e a UNTAET nunca incorporou os cargos de então à nenhuma estrutura governamental, usando o vínculo com o Chefe de Suco de forma *ad hoc*. O programa para capacitar e treinar a comunidade que funcionava a nível de aldeia, suco, distrito e sub-distrito foi mantido à distância pela estrutura formal da UNTAET e mal se estendia ao sub-distrito. O CNRT usava estruturas tradicionais de administração local como características da resistência, buscando assim aumentar seu poder de atração e alcance. Parece haver grande estima por aqueles que ocupam estes cargos, devido, justamente, à proximidade com o povo durante a luta pela liberação, mas continua havendo um desejo, observado pela primeira vez na pesquisa dos grupos focais realizada em fevereiro de 2001, de definir legalmente o cargo político.

Vemos que até agora, o Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco prestam muita atenção ao bem-estar da população e mesmo sem receber salários eles têm sido féis à população. Solicitamos aos nossos líderes no governo central que prestem atenção e paguem um salário ao Chefe de Suco assim como ao Chefe de Aldeia e ao pessoal que trabalha nos seus escritórios. [Mulher, 20 anos, Baucau]

Se eles vão receber novas tarefas, estas devem vir do governo central. [Homem, 32 anos, Liquica]

Os deveres [dos Chefes de Suco e Chefes de Aldeia] são muito pesados. Solicitamos ao governo que decida se as posições vão ser temporárias ou permanentes. [Mulher, 25 anos, Bobonaro]

Nosso Chefe de Aldeia está conosco desde os primeiros dias da luta pela liberação. É boa pessoa e faz muito bem o seu trabalho. A comunidade não concordaria em mudá-lo, pois mora conosco e lutou conosco desde os primeiros dias. [Homem, 32 anos, Aileu]

Durante 1999 e 2000, o Chefe de Aldeia trabalhava sob às ordens do CNRT e as atividades prosseguiram naturalmente. Mas desde que passamos a ter um governo definitivo, seu trabalho não tem sido à altura daquilo que fazia antes, pois o governo não reconhece nem o Chefe de Aldeia nem o Chefe de Suco. [Homem, 45 anos, Dili]

Chefe de Suco

Com o Chefe de Suco a situação é semelhante. A descrição de tarefas é longa e há opiniões divergentes sobre o perfil do cargo, se representa o povo e respondendo para estâncias superiores e ao povo ou se é um

funcionário público que só responde ao governo. Há pouquíssima distinção entre as posições de Chefe de Aldeia e Chefe de Suco, a exceção óbvia trata-se da relação hierárquica, ou seja, o Chefe de Aldeia, como responsável pela aldeia, bairro, comunidade ou pequeno povoado, é subordinado ao Chefe de Suco. O Chefe de Suco supervisiona a comunidade mais abrangente da aldeia em geral. Não ha dúvidas em que o Chefe de Aldeia presta contas ao Chefe de Suco e vice-versa.

O Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco são quem encabeçam a segurança da aldeia. Se alguma coisa acontece nos seus kampung ou aldeia, são eles quem devem comunicar ao governo central, às forças de segurança ou à policia. [Homem, 15 anos, Oecusse]

O papel do Chefe de Suco é organizar seu suco para que seja próspero e atenda à comunidade. É subordinado ao chefe do sub-distrito. [Homem, 23 anos, Baucau]

O papel do Chefe de Suco é preocupar-se com o bem-estar do seu suco e atender à comunidade. É subordinado tanto ao chefe do sub-distrito como à comunidade. [Homem, 20 anos, Baucau]

A escolha da população

Todos os distritos e comunidades apóiam unanimemente que o Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco sejam diretamente eleitos pela população. O timorense comum se vê como a pessoa mais qualificada para escolher o representante governamental local.

O Chefe de Suco e o Chefe de Aldeia devem ser eleitos diretamente pelos cidadãos. Nos sentimos felizes com o processo de eleger o Chefe de Suco e o Chefe de Aldeia porque são eleitos diretamente pela população, ao contrário do Administrador ou sub-administrador do Distrito que nem sabemos quem os escolheu. [Mulher, 20 anos, Baucau]

Desde a pesquisa com os grupos de interesse em inícios de 2001, os timorenses sempre demonstraram compreender os princípios da democracia representativa. Entendem o contrato entre governantes eleitos e os cidadãos como se fossem cidadãos de democracias mais maduras. Estão totalmente conscientes e são muito críticos dos seus representantes eleitos quando estes não representam seus interesses. Há um grande sentimento de traição e frustração porque o governo não está atendendo os interesses do cidadão comum. Querem que os representantes eleitos que estejam ao seu alcance. Talvez isto seja reforçado pelo apoio unânime que recebe a ideia de que a seleção dos governantes locais seja através de eleição e que estes representem o seu eleitorado. Os timorenses não confiam nos representantes

indicados pelo governo e estão preocupados que aqueles que não participaram ativamente na luta pela liberação estejam tirando vantagem da independência. Uma vez eleitos, acreditam que o Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco devem receber um salário pago pelo governo. O grupo de Liquica ilustra os diferentes papéis que os cidadãos vêem para si, agindo proativamente, retratando comentários de todo o país nos debates dos grupos:

O Chefe de Suco traz consigo as aspirações dos irmãos da época da clandestinidade e dos de agora, que lutam pelos interesses da população. [Homem, 29 anos, Liquica]

A comunidade deve escolher o Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco porque não são posições administrativas. A pessoa que for escolhida deve ser capaz e temos que poder visualizar se a pessoa é capaz de guiar a comunidade. [Homem, 32 anos, Liquica]

Antes de selecionar o Chefe de Aldeia ou Chefe de Suco queremos ver qual foi seu comportamento durante a clandestinidade. As pessoas têm o direito de escolher e o processo eleitoral deve nos deixar satisfeitos. [Mulher, 31 anos, Liquica]

Como Chefe de Suco, apóio as eleições nas urnas. A pessoa que receber o maior número de votos vai ser a escolhida, assim a comunidade ficará satisfeita com os resultados da eleição. [Homem, 45 anos, Liquica]

O Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco devem passar a ser funcionários públicos? Não conheço o processo, no entanto, devem receber um salário do governo. É melhor que sejam representantes da população e que não sejam funcionários públicos. [Homem, 35 anos, Liquica]

Os participantes da pesquisa realizada com os grupos focais desconfiam das pessoas indicadas para cargos públicos. Para os timorenses, a sensação de viver em democracia seria mais forte se só se chegasse a um cargo de vital importância como Chefe de Aldeia/Suco através de eleições:

Nos sentiríamos felizes se houvessem eleições diretas para os dois Chefes. Não queremos um sistema que funcione com indicações. Pessoas eleitas não teriam dúvidas em levar a cabo seus deveres se fossem eleitos por maioria de votos. [Mulher, 25 anos, Bobonaro]

O Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco deverão ser eleitos através de eleições gerais, sendo escolhidos pela população e não através de indicação, já que a nação é uma democracia. [Homem, 45 anos, Dili]

Relações com os outros níveis do poder

Para realçar a natureza representativa de sua posição, os timoreses vêem o Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco como o vínculo com o governo central e com o resto do mundo:

Se houver um problema na comunidade, o Chefe de Suco ou o Chefe de Aldeia deve levá-lo rapidamente à atenção do Chefe do sub-distrito e se não puder solucioná-lo, então deve levá-lo ao administrador do distrito, que deverá solucionar o problema. [Homem, 23 anos, Baucau]

Deve existir uma relação de trabalho entre o governo e o Chefe de Suco ou Chefe de Aldeia. Há funcionários de governo que devem prestar atenção no bem-estar da população. [Mulher, 19 anos, Baucau]

GOVERNO DO SUB-DISTRITO

Os membros dos grupos focais, descreveram a manifestação mais óbvia da lacuna entre a vida no suco e o governo na forma da administração inconsistente e mal articulada dos sub-distritos, durante o período da UNTAET. O contraste com a natureza intervencionista do governo indonésio é total.

Os representantes dos sub-distritos não têm funcionado realmente. Acredito que os coordenadores poderiam ser eliminados, já que existem representantes nos sub-distritos que tratam da agricultura e temos uma relação direta com eles. [Homem, 37 anos, Oecusse]

Não sabemos quais são os deveres do coordenador do sub-distrito, só sabemos os do Chefe de Suco e do Chefe de Aldeia. [Homem, 23 anos, Baucau]

O papel do coordenador de sub-distrito (camat) é atender aos problemas que existem na comunidade e que chegam do Chefe de Suco ou Aldeia. O Camat deve trabalhar junto com o Chefe de Suco e Chefe de Aldeia, ir ao campo para ver diretamente os problemas que enfrenta o cidadão comum. Caso não seja possível solucioná-los a nível de sub-distrito, então cabe ao coordenador comunicá-los ao governo [nacional] para que sejam superados o mais rápido possível. [Homem, 20 anos, Manatuto]

Nos níveis hierárquicos superiores, parece haver grandes divergências sobre se estes representantes de nível médio são necessários e sobre se os Chefes de Suco e Aldeia deveriam ser indicados ou eleitos. Nos debates dos grupos focais, os participantes muitas vezes discordavam sobre o status e o

método de indicar os representantes de nível médio enquanto concordavam unanimemente sobre a necessidade de se eleger diretamente o Chefe de Suco e o Chefe de Aldeia. Os participantes dos grupos de interesse acreditam também que o papel dos representantes de nível médio seja abrangente, abarcando funções representativas e de serviço na descrição do perfil do cargo e seus deveres.

A melhor maneira de escolher os representantes distritais é através de uma eleição. [Mulher, 22 anos, Manatuto]

Pelo menos o coordenador do sub-distrito deve ser escolhido pelas suas origens a fim de que a comunicação entre o coordenador do sub-distrito e a população, e vice-versa, seja fácil. [Mulher, 32 anos, Liquica]

O coordenador de sub-distrito não precisa ser eleito, no entanto, a comunidade deve conhecer o candidato depois dele ser indicado. O governo só pode indicar pessoas que sejam a opção da comunidade. [Homem, 32 anos, Liquica]

Ele é um canal para as aspirações da comunidade e o que estão sentindo, conforme expressado pelo Chefe de Suco. [Homem, 28 anos, Bobonaro]

Nossos representantes eleitos podem escolher este coordenador. Esperamos que a pessoa seja alguém da nossa área. O coordenador de sub-distrito deve ser funcionário público. [Homem, 28 anos, Bobonaro]

Podemos fazer essa escolha por meio de voto direto entre quatro ou cinco candidatos que tenham sido selecionados em entrevista prévia. É uma posição de carreira e não um cargo político e devemos poder visualizar de fato suas habilidades e profissionalismo. [Mulher, 25 anos, Bobonaro]

Os representantes dos sub-distritos são representantes da população e devem ser escolhidos por meio de uma eleição. Trabalham para a população fazendo seu dever governamental em programas de desenvolvimento no sub-distrito e representam o povo para os níveis superiores de governo. [Homem, 24 anos, Cova Lima]

[O coordenador de sub-distrito] deve ser escolhido pelos representantes da população tais como o Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco, porque sempre terão uma relação de vai e vem para implementar programas de desenvolvimento dos sucos nas aldeias. [Homem, 24 anos, Aileu]

Deve haver vários candidatos para o cargo de coordenador de sub-distrito e a população deve escolhê-lo, não deveriam ser indicados pelo governo central. [Homem, 45 anos, Dili]

GOVERNO DE DISTRITO

Quanto mais distantes do dia a dia dos timorenses, menor a capacidade de verbalizar opiniões sobre o papel dos representantes de governo. O Administrador de Distrito, ainda chamado pelo nome indonésio, Bupati, parece ser o responsável pelo desenvolvimento do distrito, pois tem vínculos diretos com os coordenadores de sub-distrito e os Chefes de Suco e de Aldeia. Embora um tanto ambígua, ainda há bastante apoio para que esta função seja ocupada por alguém eleita para o cargo.

O papel do Bupati é comunicar todas as aspirações dos sub-distritos ao suco e gerenciar o distrito a fim de que seja próspero. [Mulher, 17 anos, Baucau]

Timor Leste é uma democracia, o que significa que o Bupati, Camat e o Chefe de Suco devem ser eleitos para o cargo, não apenas dentre os funcionários públicos, mas dentre todos que têm capacidade para ser Bupati. [Homem, 18 anos, Baucau]

O dever do Bupati é controlar a comunidade no seu distrito e canalizar as aspirações da população. [Mulher, 24 anos, Manatuto]

Os deveres do coordenador de distrito não podem ser tratados separadamente daqueles dos coordenador do sub-distrito do Chefe de Suco e do Chefe de Aldeia. Deve haver coordenação entre todos. [Homem, 32 anos, Liquica]

Devem ser eleitos através de eleições e devem ser do nosso próprio distrito. [Homem, 35 anos, Liquica]

Devem ser escolhidos por uma comissão da FRETILIN no distrito e apresentados ao governo central. Depois de aprovado o processo de indicação, podem tornar-se funcionários públicos. Devem ser do distrito. [Homem, 45 anos, Liquica]

O Bupati não pode trabalhar sozinho, mas deve tomar decisões conjuntamente com os chefes de sub-distrito sobre a estrutura de governo e deve ser responsável pelos subordinados a ele. O Bupati deve ser do distrito. [Mulher, 26 anos, Bobonaro]

Esta pessoa deve ser escolhida por meio de um processo eleitoral concorrido e democrático, contando com o apoio da maioria dos eleitores. [Homem, 24 anos, Cova Lima]

O Bupati deve ouvir o Chefe de Suco e Chefe de Aldeia para que os programas de desenvolvimento que estejam sendo implementados alinhem-se verdadeiramente com os interesses da comunidade. [Homem, 24 anos, Aileu]

O Bupati deve ter grande capacidade e deve ser eleito por voto livre e secreto. [Homem, 35 anos, Dili]

RELAÇÕES ENTRE O PODER LOCAL E NACIONAL

Embora o governo central permaneça distante da maioria dos timorenses, isto não significa que não queira interagir com os representantes da população. Se os representantes da população vêm até eles, parecem estar prontos e dispostos a dialogar construtivamente. O Administrador de Distrito é visto como um elo chave entre o governo nacional e local.

É dever do Bupati relacionar-se com o governo nacional. Deve saber o que está acontecendo no seu distrito e ter autoridade para transmitir as aspirações do povo ao governo central baseado nas realidades do campo. [Homem, 37 anos, Oecusse]

A distância entre o governo e a população parece ser o alicerce de crescente decepção, especialmente entre os jovens. Também promove o desrespeito pelas leis e pelos regulamentos governamentais.

A relação entre o governo e a população nunca foi muito estreita na medida em que as pessoas fazem o que fazem e o governo faz o que faz. [Mulher, 20 anos, Baucau]

Nosso relacionamento com o governo é mínimo porque nossos líderes acham que são grande coisa, e por isso nunca vêm visitar o cidadão comum. Por isso nunca tivemos relacionamento com o governo. [Mulher, 24 anos, Manatuto]

Ainda não temos uma relação direta com o governo nacional porque ainda não visitaram nossa área desde a independência, há seis meses atrás. As pessoas deste distrito precisam da presença do governo central para poder contar seus problemas e suas queixas. [Homem, 24 anos, Bobonaro]

Os membros do Parlamento não vêm aos distritos. As autoridades governamentais só querem trabalhar e receber seus salários todos os

meses. Não se importam com a agricultura, mas a agricultura é muito importante para os agricultores em nossa comunidade. [Homem, 19 anos, Manafahi]

As autoridades governamentais a nível nacional muito se beneficiariam se consultassem os cidadãos comuns, pois as consultas serviriam de insumo para a formulação de uma agenda política assim como para a obtenção de informação. Estes diálogos também poderiam dar vazão à frustração e também podem ser benéficos como medida de prevenção de conflitos, pedindo paciência aos cidadãos comuns de Timor Leste.

Recentemente, o Ministro da Educação visitou nossa escola e teve um diálogo conosco. Contamos nossos problemas e ele respeitosamente ouviu nossas propostas e opiniões, assim como nossos pedidos. Estes ainda não se concretizaram, mas temos certeza que com o tempo nossos pedidos podem ser atendidos. [Mulher, 17 anos, Oecusse]

REPRESENTANTES ELEITOS

Os participantes dos grupos focais expressaram sua frustração com os representantes eleitos, em nível tão elevado quanto o de um ano atrás, embora aqueles que tiveram a oportunidade de conhecer algum membro do parlamento e dialogar com eles pareçam mais contentes. A queixa geral é não conhecer membros do parlamento e conseqüentemente, achar que seus interesses não estão sendo atendidos.

O papel dos representantes eleitos é sentarem-se na Assembléia e canalizar nossas aspirações, mas há aqueles que nunca canalizaram nossas aspirações e só permanecem calados. Nós pedimos que venham aqui para ouvirem nossos problemas, já que é muito difícil encontrarmos com eles em Dili. [Homem, 23 anos, Baucau]

O é necessário é que nosso representante no parlamento lembre-se que o povo o elegeu e que portanto deve ser o veículo das aspirações da comunidade. [Mulher, 24 anos, Manatuto]

As pessoas estão decepcionadas com o trabalho da Assembléia Constituinte que agora se transformou no Parlamento Nacional, pois os representantes dos distritos ainda não se tornaram um veículo de debate sobre os assuntos específicos de cada distrito no nível nacional. [Homem, 32 anos, Liquica]

O representante pelo qual votei devia verdadeiramente levar as aspirações da população ao conhecimento do parlamento para que leis que respondam às necessidades da população sejam votadas. [Mulher, 26 anos, Bobonaro]

Nossos parlamentares deviam voltar aos seus distritos todos os meses para socializarem-se com seus eleitores e assim terem a certeza de que, dentro do possível, o que está sendo legislado pelo Parlamento representa de fato as aspirações da população. [Mulher, 27 anos, Cova Lima]

Nossos representantes eleitos devem se esforçar para divulgar os resultados do trabalho que desenvolvem na capital desde os distritos até os sucos. [Homem, 28 anos, Ainaro]

Nunca recebemos uma visita de um parlamentar. No ano passado vieram e prometeram que viriam se reunir com as bases, mas desde que foram eleitos não vimos mais ninguém que pudesse levar nossas preocupações até lá em cima. [Homem, 19 anos, Manafahi]

É difícil entrar em contato direto com eles. Se a gente manda uma carta, demora um bom tempo. Se não podem vir até os sucos, deviam pelo menos vir até as cidades dos sub-distritos para interagir diretamente conosco. [Homem, 22 anos, Aileu]

As reivindicações para que os representantes eleitos venham até o campo para entender a situação do timorense comum se estendem até o Presidente, um dos críticos mais duros do desempenho dos membros do Parlamento. Se clamam por diálogo, o fazem a todos os representantes eleitos, sem nenhuma exceção:

Antes de ser Presidente, prometeu que se chegasse à Presidência iria viver junto com o povo. Prometeu que teríamos eletricidade, água limpa e banheiros. Foi apenas uma promessa. [Homem, 19 anos, Manafahi]

Nosso relacionamento com o Presidente é direto graças ao assessoramento dos representantes eleitos no distrito, caso contrário, como cidadãos comuns, podemos no relacionar com ele através de cartas ou verbalmente, se for convidado para vir ao distrito falar com a comunidade. Nossos representantes eleitos podem acertar isto. [Mulher, 24 anos, Cova Lima]

INFORMAÇÕES

Fora de Dili, na segunda maior cidade, Bauca, o acesso à mídia escrita ou eletrônica é esporádica, devido ao analfabetismo, a preferência pelos idiomas locais, os múltiplos horários de trabalho, a potência do sinal, a distância e a escassez de eletricidade:

Como indivíduo comum, que trabalha todos os dias nos campos e nos jardins, não recebo muita informação e não tenho dinheiro suficiente para comprar jornal. O dinheiro que ganho no campo é apenas suficiente para nossas necessidades básicas. [Homem, 23 anos, Baucau]

Recebemos informação sobre as atividades políticas através de nossos amigos, ou pelo rádio, mas ouvimos mais das pessoas que vêm de Dili. [Mulher, 20 anos, Baucau]

Gostaríamos muito de receber informações pelo rádio ou televisão, mas aqui sempre há corte de luz. [Homem, 23 anos, Baucau]

Se forem devidamente incorporadas, o Chefe de Suco e o Chefe de Aldeia seriam o canal mais indicado para transmitir informações à população.

Informações importantes devem ser passadas ao Chefe de Suco e Chefe de Aldeia, porque, como líderes, devem receber estas informações do governo, do parlamento e dos partidos políticos, para que possam transmiti-las à comunidade. [Homem, 23 anos, Baucau]

O Chefe de Suco e o Chefe de Aldeia ainda não transmitiram nenhuma informação ao povo, porque, pelo que vejo, eles mesmos ainda não receberam nenhuma informação, jornal ou revista do governo local. [Mulher, 24 anos, Manatuto]

Estamos esperando informação do governo sobre o processo de desenvolvimento no futuro e além disso, a informação sobre o processo de eleição para o cargo de Chefe de Suco e Chefe de Aldeia. [Homem, 35 anos, Liquica]

APÊNDICES

APÊNDICE A – NOTAS SOBRE A METODOLOGIA

Grupos focais

As discussões dos grupos focais são semi-estruturadas com base em tópicos específicos conduzidos por um moderador treinado, num grupo de aproximadamente 6 a 15 pessoas. As discussões demoram geralmente duas horas.

A pesquisa realizada com os grupos focais do NDI em Timor Leste

Esta é a quinta vez desde janeiro de 2001 que o NDI utiliza técnicas de pesquisa envolvendo grupos focais, para obter informação sobre a atitude do cidadão timorense; no entanto, apenas um terço destas informações tenham sido publicadas na forma de relatório. O primeiro relatório, *Timor Lorosae, Nossa Nação*, foi publicado em fevereiro de 2001, em conjunto com o Fórum de NGO para o Timor Leste. O segundo *Transmitindo as Aspirações da População*, escrito juntamente com Alacrico Da Costa Ximenes, foi publicado em fevereiro de 2002.

Nas outras duas ocasiões as transcrições da pesquisa foram utilizados para efeitos de planejamento e programação interna do NDI, com distribuição limitada, quando solicitada por outros pesquisadores. Brevemente, um catedrático timorense publicará seu próprio análise sobre a pesquisa de grupo focal sobre assuntos de segurança conduzida em maio de 2002 pelo NDI.

Este relatório

Este relatório foi escrito em inglês, a partir das transcrições em indonésio e se baseiam em 13 discussões de grupos focais realizados em vários idiomas locais entre 16 e 29 de novembro de 2002. Realizou-se uma discussão de grupo focal em cada um dos 13 distritos de Timor Leste.

O perfil dos participantes dos grupos focais aparece resumida em forma de tabela no Apêndice D. Todos os que participaram nestes grupos focais já haviam participado do Programa de Foro Cívico do NDI.

Um problema para recrutar participantes foi o desequilíbrio de gênero nesta pesquisa. Apenas 32% dos 105 participantes nas discussões era do sexo feminino. Este problema deve ser evitado em pesquisas futuras.

Só há descrição geral do tipo de ocupação dos participantes. Como não houve entrevistas detalhadas com cada um deles, ficou difícil classificar adequadamente suas ocupações, já que uma série de termos poderia aplicar-

se à mesma pessoa. Por exemplo, uma pessoa que integre uma discussão do Foro Cívico, pode fazer parte de um grupo de jovens da igreja e também fazer algum trabalho agrícola para manter a família ou a si próprio. A mesma pessoa pode considerar-se desempregada e pode estar procurando emprego pago se houver vagas disponíveis.

Objetivo da pesquisa

Além dos objetivos citados anteriormente, o objetivo desta pesquisa também foi obter maiores informações sobre a atitude dos participantes do programa *Foro Cívico do NDI*, um programa que existe em Timor Leste desde junho de 2001. O Foro Cívico é um programa regular, que tem financiamento até março de 2004. A fim de proteger o anonimato dos participantes, estes só indicaram o gênero, a idade e o distrito de procedência.

Transcrições

Todos os grupos focais gravaram suas deliberações e os facilitadores providenciaram a transcrição. Há 279 páginas de transcrições em indonésio como parte desta pesquisa.

Facilitadores

Seis equipes de facilitadores realizaram o trabalho nos grupos focais. Em ordem alfabética, os facilitadores que trabalharam no projeto são Santiago Freitas Belo, Delindo Borges, Carolina Do Céu Brito, Palmira Guterres, Manuel da Silva Guterres, Marcelina Liu, Carmensita R. Machado, Antônio Cristante Mota, Maria Lindana Parada, Angelmo Soares, Cesaltnho B. Ximenes e Juliana Do Rego Ximenes.

Agradecimentos

Este relatório não teria sido possível sem o apoio da equipe do escritório do NDI em Dili, Timor Leste, especialmente do Gerente, Elsty Davidz Morato e a Equipe da Ásia do NDI.

O financiamento da Agência Internacional para o Desenvolvimento dos Estados Unidos (USAID para os programas do NDI em Timor Leste foi essencial para efetuar esta pesquisa.

APÊNDICE B – O NDI E O FORO CÍVICO

Em Timor Leste, o NDI realiza um programa nacional de longa duração juntamente com as bases, conhecido como Foro Cívico, nos 13 distritos de Timor Leste. O Foro Cívico começou em Junho de 2001 e atualmente recebe financiamento da USAID até março de 2004. O Foro Cívico trabalha a longo prazo com os mesmos grupos, com o intuito de coletar informação sobre a transição, assim como de apoiar os valores democráticos de participação e desenvolver os talentos necessários para dar continuidade ao trabalho. O Foro Cívico tem trabalhado com mais de 220 grupos e mais de 3.200 participantes, todos os meses.

O Instituto Democrático Nacional para Assuntos Internacionais (NDI) é uma organização não-lucrativa e tem como função fortalecer e expandir a democracia no mundo inteiro. Protagonista de uma rede global de especialistas voluntários, o NDI fornece assistência prática aos líderes políticos no sentido de desenvolverem os valores, práticas e instituições democráticas. O NDI trabalha com os democratas em todas as regiões do mundo para construir organizações políticas e cívicas, salvaguardar eleições e promover a participação dos cidadãos, a abertura e a prestação de contas dos governos.

Porém, em muitos países, os defensores da democracia não dispõem de instituições nem de experiência com práticas democráticas. Recorrem ao NDI para pedir assistência sobre como lidar com a difícil tarefa de construir estruturas democráticas. Estas estruturas incluem: instituições legislativas nacionais e governos locais que funcionem com flexibilidade de pensamento e competência; partidos políticos de base ampla que sejam veículos para o debate público dos programas políticos; comissões eleitorais que administrem a votação transparente e justa; e organizações cívicas não-partidárias que monitorem as eleições e promovam os valores democráticos e a participação dos cidadãos.

Enquanto o NDI investe grande esforço na consolidação das novas democracias, persistem em outras regiões regimes políticos autocráticos. E, em outras os avanços democráticos foram anulados. Nessas situações, o NDI trabalha com os defensores da democracia, que corajosamente lutam em circunstâncias adversas para pôr fim aos conflitos e promover mudanças políticas pacificamente.

Com sede central em Washington, D.C., e com escritórios operacionais em quatro continentes, o NDI tem conduzido o desenvolvimento das instituições democráticas em mais de 40 países. Atualmente, o maior escritório do NDI fora de Washington está em Jakarta, Indonésia, onde o NDI trabalha com os partidos políticos, a sociedade civil, os parlamentares, acadêmicos e jornalistas.

APÊNDICE C – GUIA DO FACILITADOR

NDI TIMOR LESTE

**Guia do Facilitador para Debates com Grupos
Focais
Participação do cidadão e o governo local
Novembro de 2002**

Aproximadamente 120 minutos

INTRODUÇÃO

[10 MINUTOS]

DÊ AS BOAS VINDAS AOS PARTICIPANTES. APRESENTE-SE E PEÇA AO GRUPO QUE SE APRESENTE UM A UM. EXPLIQUE O OBJETIVO DO PROJETO DE PESQUISA:

O objetivo destas discussões de grupos focais é conhecer e captar as idéias e aspirações dos timorenses a respeito de certos temas relacionados com a participação do cidadão e o governo local de vários lugares e diferentes classes sociais. A informação será colhida e analisada em um relatório que se espera tenha impacto e influência na política governamental e também ajude às organizações locais e internacionais, tais como o NDI, com programas como o Foro Cívico.

PERGUNTE AOS PARTICIPANTES SE ENTENDEM OS OBJETIVOS DO PROGRAMA. CASO NÃO ENTENDAM, EXPLIQUE MAIS UMA VEZ SÓ QUE COM PALAVRAS DIFERENTES.

EXPLIQUE QUAL VAI SER O FORMATO DO DEBATE:

- ENFATIZE O ANONIMATO
- EXPLIQUE QUE USA-SE A GRAVAÇÃO PARA REGISTRAR AS PALAVRAS COM EXATIDÃO
- PEÇA ÀS PESSOAS QUE FALEM CLARAMENTE PARA QUE SUAS VOZES SEJAM OUVIDAS

LEMBRE AOS PARTICIPANTES:

- QUE NÃO HÁ RESPOSTAS CORRETAS NEM INCORRETAS
- QUE OS PARTICIPANTES FALAM NA CONDIÇÃO DE INDIVÍDUOS
- QUE OS PARTICIPANTES ESTÃO REPRESENTANDO SUA COMUNIDADE
- QUE DEVEM RELAXAR, POIS SERÁ UMA EXPERIÊNCIA INTERESSANTE

O DEBATE DIVIDE-SE EM NOVE SEÇÕES, A SABER:

1. ATITUDE
2. PARTICIPAÇÃO
3. PODER DO SUCO
4. PODER DO SUB-DISTRITO
5. PODER DO DISTRITO
6. RELAÇÕES ENTRE O PODER LOCAL E O NACIONAL
7. REPRESENTANTES ELEITOS
8. INFORMAÇÕES
9. FORO CÍVICO

COMECE O PROCESSO CONSIGO MESMO E DEPOIS PERGUNTE QUAL O NOME QUE OS PARTICIPANTES DESEJAM USAR, IDADE E OFÍCIO.

ATITUDE

[10 MINUTOS]

Como você se sente, agora que o Timor Leste é totalmente independente?

DISCUTA. PEÇA A CADA PARTICIPANTE QUE DIGA O QUE PENSA.

O que mudou na sua vida, agora que o Timor Leste é governado por timorenses?

DISCUTA.

Vocês acham que a situação está melhorando ou piorando? Porquê? Seus filhos têm um bom futuro como timorenses?

DISCUTA. PEÇA A CADA PARTICIPANTE QUE DIGA O QUE PENSA.

Você se sente protegido e seguro? Por quê?

DISCUTA. PEÇA A CADA PARTICIPANTE QUE DIGA O QUE PENSA.

O que você pensa sobre a atuação das Nações Unidas em Timor Leste?

DISCUTA. CERTIFIQUE-SE DE QUE TODOS OS PARTICIPANTES CONTRIBUAM PARA O DEBATE.

PARTICIPAÇÃO

[10 MINUTOS]

Como a população deve participar em uma democracia?

FAÇA UMA LISTA DAS IDÉIAS E DISCUTA.

Como tem sido a participação dos integrantes do grupo?

PERGUNTE A CADA INTEGRANTE DO GRUPO

Por que vocês deveriam participar?

PEÇA A TODOS OS PARTICIPANTES QUE EXPLIQUEM SEUS MOTIVOS.

O que impede que os integrantes do grupo participem ativamente?

DISCUTA. TODOS OS MEMBROS DO GRUPO CONCORDAM?

Como vocês gostariam de participar no futuro?

PERGUNTE A CADA INTEGRANTE DO GRUPO. DISCUTA. TODOS OS MEMBROS DO GRUPO CONCORDAM?

GOVERNO DO SUCO/COMUNIDADE

[20 MINUTOS]

Qual o papel do Chefe de Aldeia? Quais são suas responsabilidades?

DISCUTA. PERGUNTE A CADA INTEGRANTE DO GRUPO. O GRUPO CONCORDA SOBRE ALGUM PAPEL?

Vocês gostariam que o Chefe de Aldeia desempenhasse outro papel no futuro?

DISCUTA. PERGUNTE A CADA INTEGRANTE DO GRUPO. O GRUPO CONCORDA SOBRE ALGUM PAPEL?

Qual o papel do Chefe de Suco? Quais são as responsabilidades dos Chefes de Suco?

DISCUTA.

Vocês gostariam que os Chefes de Suco desempenhassem um outro papel no futuro?

DISCUTA.

Como o Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco deveriam ser escolhidos?

PERGUNTE A TODOS OS PARTICIPANTES. DEPOIS PEÇA A UMA PESSOA QUE EXPLIQUE A POSIÇÃO DOS PARTICIPANTES OU AS POSSÍVEIS OPÇÕES. DEPOIS PERGUNTE SE OS OUTROS CONCORDAM OU NÃO.

Como a posição de vocês difere da situação atual?

DISCUTA.

Como o Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco deveriam relacionar-se com o governo?

DISCUTA.

Como o Chefe de Aldeia e o Chefe de Suco deveriam representar os interesses da população?

DISCUTA.

Qual é o impacto do Conselho de Suco (CEP) na sua comunidade?

DISCUTA.

Como o Conselho interage com o Chefe de Aldeia ou de Suco?

DEBATA E EXPLIQUE.

GOVERNO DO SUB-DISTRITO

[10 MINUTOS]

Qual deveria ser o papel dos oficiais sub-distritais?

DESCREVA. PERGUNTE A UMA OU DUAS PESSOAS. DEPOIS PERGUNTE AOS OUTROS PARTICIPANTES DO GRUPO SE ALGUÉM TEM OPINIÕES OU EXPERIÊNCIAS DISTINTAS.

Qual deveria ser o relacionamento deles com o Chefe de Aldeia e com o Chefe de Suco?

DISCUTA.

Como estes oficiais deveriam ser escolhidos?

DISCUTA.

GOVERNO DO DISTRITO

[10 MINUTOS]

Qual deveria ser o papel dos Administradores do Distrito na comunidade a qual pertencem?

DESCREVA PERGUNTE A UMA OU DUAS PESSOAS. DEPOIS PERGUNTE AOS OUTROS PARTICIPANTES DO GRUPO SE ALGUÉM TEM OPINIÕES OU EXPERIÊNCIAS DISTINTAS.

Como deveria ser o relacionamento deles com o Chefe de Aldeia e com o Chefe do Suco?

DISCUTA.

Como esta pessoa deveria ser escolhida?

DISCUTA.

RELAÇÕES ENTRE O PODER LOCAL E NACIONAL

[10 MINUTOS]

Como cidadão comum em Timor Leste, qual deveria ser sua relação com o governo nacional?

Qual deveria ser sua relação com o Presidente?

Qual deveria ser sua relação com o Primeiro Ministro?

Qual deveria ser sua relação com os Ministros? [Dê um exemplo pertinente]

Qual deveria ser sua relação com os membros do Parlamento?

PERGUNTE INDIVIDUALMENTE A CADA PARTICIPANTE. DISCUTA. PEÇA QUE TODOS RESPONDAM. PERGUNTE AOS PARTICIPANTES SE CONCORDAM COM AS OPINIÕES DOS OUTROS. POR QUÊ OU POR QUÊ NÃO?

Como você, cidadão comum em Timor Leste, deveria interagir com o governo?

DISCUTA. PEÇA QUE TODOS RESPONDAM. PERGUNTE AOS PARTICIPANTES SE CONCORDAM COM AS OPINIÕES DOS OUTROS. POR QUÊ OU POR QUÊ NÃO?

REPRESENTANTES ELEITOS

[15 MINUTOS]

Qual deve ser o papel dos representantes eleitos?

DISCUTA. PEÇA QUE TODOS RESPONDAM. PERGUNTE AOS PARTICIPANTES SE CONCORDAM COM AS OPINIÕES DOS OUTROS. POR QUÊ OU POR QUE NÃO?

O que os representantes eleitos deveriam estar fazendo por vocês como cidadãos comuns de Timor Leste?

DISCUTA. PEÇA QUE TODOS RESPONDAM. PERGUNTE AOS PARTICIPANTES SE CONCORDAM COM AS OPINIÕES DOS OUTROS. POR QUÊ OU POR QUE NÃO?

Como o cidadão comum de Timor Leste deveria interagir com os representantes eleitos?

DISCUTA. PEÇA QUE TODOS RESPONDAM. PERGUNTE AOS PARTICIPANTES SE CONCORDAM COM AS OPINIÕES DOS OUTROS. PORQUE OU POR QUE NÃO?

INFORMAÇÃO

[15 MINUTOS]

Como cidadão comum de Timor Leste, que tipo de informação gostaria de receber do governo? Por quê?

FAÇA UMA LISTA E DEBATA. CONCORDA O GRUPO?

Como você acha que as informações sobre as atividades do governo deveriam ser recebidas?

Como as informações sobre as atividades do parlamento deveriam ser recebidas?

Como as informações sobre os partidos políticos deveriam ser recebidas?

FAÇA UMA LISTA DE IDÉIAS E DEBATA

Que papel o Chefe de Aldeia ou Chefe de Suco deveria desempenhar na comunicação ou na organização da entrega deste tipo de informação?

DISCUTA.

Que papel os outros oficiais do governo local deveriam desempenhar na entrega desta informação?

DISCUTA. PEÇA QUE TODOS RESPONDAM. PERGUNTE AOS PARTICIPANTES SE CONCORDAM COM AS OPINIÕES DOS OUTROS. POR QUÊ OU POR QUE NÃO?

FORO CÍVICO

[5 MINUTOS]

Que papel o Foro Cívico deveria desempenhar na entrega de informação?

DISCUTA.

Que papel o Foro Cívico deveria desempenhar para ajudar na interação entre o cidadão comum de Timor Leste e as autoridades ?

DISCUTA.

Como sua participação no Foro Cívico influiu na maneira de se relacionar com as autoridades eleitas ou servidores públicos?

DISCUTA.

CONCLUSÃO

[5 MINUTOS]

AGRADEÇA AOS PARTICIPANTES PELA PARTICIPAÇÃO.

EXPLIQUE NOVAMENTE QUE TODA ESTA INFORMAÇÃO É CONFIDENCIAL E QUE OS NOMES DOS PARTICIPANTES NÃO SERÃO REVELADOS.

EXPLIQUE QUE A INFORMAÇÃO AJUDARÁ NA PREPARAÇÃO DE FUTUROS PROGRAMAS DO FORO CÍVICO.

DIGA QUE O MESMO TIPO DE INFORMAÇÃO ESTÁ SENDO COLETADA DE OUTROS GRUPOS EM OUTROS 12 DISTRITOS. AS INFORMAÇÕES VÃO SER RESUMIDAS E COLOCADAS EM UM RELATÓRIO QUE SERÁ ENTREGUE AOS MEMBROS DO PARLAMENTO, ÀS AUTORIDADES GOVERNAMENTAIS, ÀS ONGS LOCAIS E ÀS ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS.

DAQUI A 15 OU 18 MESES, CONFORME PROGRAMADO, OS PARTICIPANTES DOS GRUPOS VOLTARÃO A SE FALAR PARA VERIFICAR SE HOUVE MUDANÇA OU NÃO.

OBRAGADO BARAK.

APÊNDICE D – PERFIL DO PARTICIPANTE

| Data | Distrito | Grupo | Participantes | Homens | Mulheres | Faixa etária |
|------------------|-----------------|-------------------------------|----------------------|---------------|-----------------|---------------------|
| 23 Novembro 2002 | Aileu | Aldeia | 7 | 6 | 1 | 20 -42 anos |
| 21 Novembro 2002 | Ainaro | Aldeia | 8 | 4 | 4 | 26 -32 anos |
| 19 Novembro 2002 | Baucau | Grupo da igreja | 10 | 6 | 4 | 17 -23 anos |
| 21 Novembro 2002 | Bobonaro | Moradores de pequenas cidades | 8 | 2 | 6 | 20 – 33 anos |
| 17 Novembro 2002 | Cova Lima | Desempregado | 7 | 4 | 3 | 24 -35 anos |
| 18 Novembro 2002 | Dili | Aldeia | 8 | 8 | - | 26 -32 anos |
| 14 Novembro 2002 | Ermera | Líderes Comunitários | 6 | 6 | - | 25 -35 anos |
| 29 Novembro 2002 | Lautem | Agricultores | 8 | 7 | 1 | 25 -60 anos |
| 25 Novembro 2002 | Liquica | Moradores de pequenas cidades | 7 | 4 | 3 | 29 -45 anos |
| 17 Novembro 2002 | Manatuto | Grupo da igreja | 12 | 10 | 2 | 20 -25 anos |
| 16 Novembro 2002 | Manufahi | Aldeia | 6 | 4 | 2 | 19 -52 anos |
| 23 Novembro 2002 | Oecusse | Alunos | 10 | 7 | 3 | 15 -37 anos |
| 17 Novembro 2002 | Viqueque | Alunos/ agricultores | 8 | 3 | 5 | 19 -38 anos |

APÊNDICE E – MAPA DE TIMOR LESTE